

*Editorial**Dossiê Temático***TRANSLINGUAGENS: DISCURSO, POLÍTICAS E PEDAGOGIAS**

Organizador(es):

Cláudia Hilsdorf ROCHA  
Universidade Estadual de Campinas  
claudiahrocha@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0001-9717-2375>

Adolfo TANZI NETO  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
adolfofotanzi@letras.ufrj.br  
<http://orcid.org/0000-0003-0347-7077>

A translanguagem pode ser concebida como um conceito ainda em evolução. (Re)Pensada a partir do contexto da educação bilíngue (GARCÍA, 2009), como uma forma de enfrentamento a visões monolíticas e racionalistas diante da linguagem, do sujeito e da cultura, a translanguagem seguiu evidenciando-se como uma ruptura paradigmática no campo dos Estudos da Linguagem, expandindo a noção de comunicação para além das palavras e línguas individuais ou nominadas, em favor de processos e práticas de construção de sentidos, ideológica e historicamente situados e ecologicamente constituídos (CANAGARAJAH, 2013, 2017a/b). Alinhada às ideias do pós-estruturalismo, a noção de translanguagem vincula-se a ideologias e práticas (educativas) que corroboram à luta por equidade e justiça social (GARCÍA; LI WEI, 2014), em seus mais variados aspectos, ao mesmo tempo em que celebram a mobilidade, a mistura e a dinamicidade linguística, cultural, identitária e política sob lentes mais plurais, abertas e transgressivas. Performativas por natureza, as práticas translíngues mostram-se criativas, críticas, estratégicas e flexíveis (LI WEI, 2011; GARCÍA; WEI, 2014), situando-se em meio a espaços de tensão e ruptura, abertos à desestabilização e à transformação. Em sua complexidade, as translanguagens imbricam-se em discursos e ideologias que podem, em

uma roupagem restritiva, servir a discursos neoliberais, e, em contrapartida, assumir formas mais expansivas que potencialmente rompem modos mais autoritários e opressores de discurso e vida (Canagarajah, 2017a). Este dossiê é pensado nesse horizonte, em que a translinguagem evidencia sua pluralidade e, por decorrência, realiza-se como filosofia, como espaços de crise e criatividade, como um conjunto de práticas pedagógicas, como discursos, ideologias e políticas potencialmente transgressoras, entre outras possibilidades.

Abrimos, assim, este dossiê intitulado **Translinguagens: discursos, políticas e pedagogias** com um texto escrito pelos professores Ruberval Maciel (UEMS) e Cláudia Hilsdorf Rocha (UNICAMP), que visa apresentar discussões em torno do conceito de práticas translíngues, com base em uma entrevista feita junto ao professor Suresh Canagarah – pesquisador da Penn State University, Estados Unidos da América. Neste primeiro trabalho, os autores inicialmente discorrem sobre o conceito de translinguagem e sua expansão no campo das linguagens e da educação linguística. Em seguida, apresentam a entrevista realizada, a partir da qual Suresh Canagarah amplia as diferentes visões relativas à virada translíngue destacando questões como indexicalidade, repertórios e suas implicações na prática pedagógica e também a importância da interface da translinguagem com as abordagens multimodais, multissensoriais e afetivas. O trabalho é finalizado com breves discussões sobre os desafios a serem enfrentados pelos estudos pautados pela translinguagem e sobre possíveis rumos para a pesquisa translíngue.

No segundo artigo deste dossiê, Nara Hiroko Takaki (UFMS) discute, embasada nas noções de (auto)crítica, letramento crítico, aspectos sulistas e decoloniais, como a translinguagem/práticas translíngues, de caráter sulista e decolonial, pode(m) beneficiar-se com exercícios (auto)críticos de sentidos e agência mais transcultural ‘juntos’ no encontro com textos e contextos sócio-culturais e históricos em que estudantes, educadores e autoridades vivem.

Antonieta Megale (Instituto Singularidades) e Fernanda Liberali (PUC/SP), no terceiro artigo, preconizam a importância de um olhar para o contexto superdiverso em que vivemos e as demandas que nos são impostas para pensarmos em educação multilíngue. Neste artigo, as autoras ampliam o conceito de patrimônio vivencial, agregando-o às noções de patrimônios de conhecimento, *perezhivanie/vivência*, repertório e translinguagem. Nessa discussão, ponderam como espaços educacionais de saberes

fixos, de um determinado grupo social imposto a outro, podem se tornar espaços de aprendizagens de novos recursos de “meios de falar”, de mobilidade, de potencial de agência e de possibilidades de ser, agir, sentir e viver o mundo.

No quarto artigo, Ana Letícia Souza Garcia (UFG/IFG), analisa a translinguagem como prática linguística e pedagógica na educação bilíngue de elite. Embasada nas concepções e papéis da L1/L2 nas interações e colaborações entre estudantes e professor/a nas aulas de inglês, bem como nos conceitos de ZPD, *scaffolding* e translinguagem, a autora busca responder aos seguintes questionamentos: a) a L1 pode ser uma ferramenta ou *scaffolding* para que a L2 seja aprendida?; b) por que a *translinguagem* em aulas bilíngues pode ser uma possibilidade para práticas linguísticas e pedagógicas mais heteroglóssicas? Para a autora, as práticas translíngues deveriam ser consideradas nas escolas, uma vez que contribuem para a ampliação e desenvolvimento de repertórios linguísticos dos estudantes.

Gabriela Claudino Grande (UFMS), Ana Amélia Calazans da Rosa (UFTM) e Adolfo Tanzi Neto (UFRJ), no quinto trabalho, discutem como as práticas translíngues na formação de professores de inglês podem se tornar espaços de apropriação e democratização de repertórios linguísticos. Embasados nas discussões de mobilidade, globalização, multilinguismo, multiletramentos, repertórios e língua democrática no ensino-aprendizagem de línguas, os autores postulam como as práticas translíngues refletem o posicionamento, as estratégias e as representações dos envolvidos num uso mais plural da língua e orientado para uma concepção de língua democrática.

No sexto artigo deste dossiê, Marjorie Ninoska Gomez (UNAN) atenta para como o reconhecimento do plurilinguismo no Brasil nos abriu espaço para discussões sobre translinguagem. Depois de quase duas décadas de discussão no campo do bilinguismo, para a autora, translinguagem é uma estrutura conceitual e ideológica que busca dar conta de práticas comunicativas construídas a partir de uma diversidade de repertórios linguísticos e culturais. Neste trabalho, Gomez explora o valor do feedback na teoria da translinguagem no ensino superior, especificamente em uma disciplina acadêmica, que se mostrou importante para a internalização do aprendizado e motivação para assumir riscos acadêmicos.

Rafael Jefferson Fernandes (CEFET/RJ) e Ana Claudia Peters Salgado (UFJF), no

artigo seguinte, discutem práticas de linguagem realizadas por estudantes de espanhol, em uma rede social, o *Facebook*, com vistas a problematizar as performances linguísticas de sujeitos translíngues. Por meio da netnografia e com base no conceito de desaprendizagem articulado à episteme da vida local, os autores tecem reflexões sobre a complexidade doportunhol como uma prática de linguagem local, dinâmica e processual.

No oitavo artigo, Andreia Moroni (UB) explora o papel do professor de português como língua de herança com base nas representações de três professores sobre sua prática. Partindo de uma pesquisa qualitativa realizada na Catalunha, Espanha, a autora discute como o acolhimento de necessidades emocionais e das práticas translíngues da comunidade de usuários da língua se dão em meio a um processo de aproximação e estranhamento das educadoras nessa nova vertente de ensino. Os resultados apontam para o fato da construção de vínculos entre os usuários de uma língua não se dar unicamente por meio dessa língua, mas por meio da translinguagem.

Alessandra de Freitas (UFPR), no nono trabalho deste dossiê, discute a noção de competência simbólica como uma possibilidade de prática translíngue nos cursos de graduação de Letras-Alemão, com base na utilização de poemas afro-alemães. Para tanto, a autora faz um breve panorama do surgimento da literatura afro-alemã e a partir do poema “die zeitdanach” (o tempo por vir) demonstra como este poema oferece subsídios, no processo de formação de professores, para se trabalhar a competência simbólica e a sensibilização dos futuros docentes para o desenvolvimento de uma consciência linguística, histórica, social e política. A autora também postula a importância de o ensino de língua estrangeira nas Instituições de Ensino Superior assumir um compromisso com a emancipação e a justiça social.

No décimo trabalho, os autores Lauro Sérgio Machado Pereira (IFNMG), Kleber Aparecido da Silva (UnB) e Renata Mourão Guimarães (IFB) refletem sobre a importância da internacionalização do ensino superior como prática translíngue e apresentam parâmetros e proposições para formação crítica de professores de línguas nesse enfoque. Para tanto, discutem os constructos internacionalização, políticas linguísticas e práticas translíngues com o objetivo de estabelecer uma relação com a educação linguística de professores de línguas no contexto brasileiro. Nesse sentido, os autores defendem a internacionalização como prática local e/ou agonística, chamando a

atenção para uma pedagogia crítica da internacionalização, pautada em práticas translíngues.

Giovanna Bertonha (UNICAMP), no último trabalho deste dossiê, apóia-se nos preceitos, acepções e ideias de educação linguística na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e apresenta uma leitura crítica sobre o ensino de língua inglesa, no ensino fundamental II. À luz das discussões sobre repertórios translíngues, a autora busca, em suas análises, tecer uma leitura crítica do texto oficial da BNCC e defender uma abordagem de educação e formação linguística bilíngue integral de crianças e adolescentes.

Em meio à riqueza de focos, contextos e discussões teóricas presentes nos artigos que compõem este dossiê, esperamos que sua leitura possa aguçar a curiosidade epistemológica (FREIRE, 2004) e, assim, mostrar-se tanto uma fonte interessante e prazerosa de (des)aprendizagens, quanto uma força potencial para que possamos seguir lutando, reexistindo (SOUZA, 2011) e provocando transformações libertadoras (FREIRE, 2003).

## REFERÊNCIAS

CANAGARAJAH, S. *Translingual Practice: Global Englishes and Cosmopolitan Relations*. London/New York: Routledge, 2013.

CANAGARAJAH, S. *Translingual practices and neoliberal policies: attitudes and strategies of African skilled migrants in Anglophone workplaces*. New York: Springer, 2017a.

CANAGARAJAH, S. Translingual Practice as Spatial Repertoires: Expanding the Paradigm beyond Structuralist Orientations. *Applied Linguistics*, p. 1-25, 2017b. Available at: <<https://doi.org/10.1093/applin/amx041>>. Access on: 10 nov. 2019.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. 23<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003 [1999].

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2004 [1996].

GARCÍA, O. *Bilingual education in the 21st century: A global perspective*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.

GARCÍA, O.; LI WEI. *Translanguaging: language, bilingualism, and education*. London: Palgrave Macmillan, 2014.

LI WEI. Moment analysis and translanguaging space: discursive construction of identities by multilingual Chinese youth in Britain. *Journal of Pragmatics*, n. 43, p. 1222- 1235, 2011.

SOUZA, A. L. S. *Letramentos de Reexistência - Poesia, grafite, música, dança: Hip Hop*. São Paulo: Parábola, 2011.